

Recebido em 25/08/2023 e aprovado em 23/12/2023

O ESTUDO DO JAINISMO NA PUC-SP

Frank Usarski é Doutor em Ciência da Religião pela Universidade de Hannover (Alemanha) e Livre Docente na área de Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Desde 1998, é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC. É fundador e líder do grupo de pesquisa Centro de Estudos de Religiões Alternativas de origem Oriental no Brasil (CERAL), certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). É também fundador e editor geral de dois periódicos, isto é, a REVER - Revista de Estudos da Religião e o International Journal of Latin American Religions (JLAR).

Patrícia Rodrigues de Souza iniciou sua carreira acadêmica pesquisando as relações entre religião e escolhas alimentares. Ingressou na Ciência da Religião da PUC-SP através do mestrado, concluído em 2014. Em 2015, ingressou no doutorado em Ciência da Religião pela PUC-SP, tendo feito doutorado sanduíche na University of Wales Trinity Saint David no País de Gales. Em 2019, defendeu sua tese "Religião Material. O estudo das religiões a partir da cultura material". Em 2023, concluiu seu pós-doutorado que resultou na inserção da "Religião Material" como disciplina metodológica no Programa de Pós-Graduação de Ciência da Religião da PUC SP.

Leonardo Stockler graduou-se em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Franca, em 2013. Trabalhou principalmente como professor e, em 2020, concluiu o seu mestrado na área de Ciência da Religião na PUC-SP. Ali realizou uma pesquisa sobre a transplantação do Tantra e do Yoga da Índia para o Brasil. Desde então, publicou artigos e textos concernentes a temas variados que percorrem o fenômeno religioso, como yoga, música e literatura. Em 2022, iniciou sua

pesquisa de doutorado, dedicada à tradição Jaina e, em 2023, deu início a uma longa estadia em Puna, Índia, onde pôde se dedicar ao estudo do sânscrito, prakrit e às pesquisas de campo envolvendo as interações entre monges e leigos no interior desta comunidade religiosa.

Vocês poderiam discorrer brevemente sobre suas respectivas trajetórias acadêmicas?

Frank: Após meus estudos de Andragogia e Ciência da Religião na Universidade de Hannover, na Alemanha, lecionei entre 1988 e 1992 no Programa de Ciência da Religião da mesma Universidade. No mesmo período, também ministrei aulas nas universidades alemãs de Bremen e Oldenburg. Em 1992, dois anos após a reunificação, fui contratado pela Faculdade de Pedagogia de Erfurt e, paralelamente, ofereci cursos em Ciência da Religião nas Universidades alemãs de Chemnitz e de Leipzig. Fui para o Brasil em 1998, inicialmente como professor visitante na base de um convênio entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD). Desde então, integro o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP.

Patrícia: Fui professora de Gastronomia por cerca de dez anos. Essa carreira fez com que eu me interessasse pelo estudo de hábitos alimentares, o que, por sua vez, sempre levava à questão das religiões, já que são elas que, em primeira instância, determinam o que, como, quando e com quem comer. Acabei unindo os dois aspectos no mestrado em Ciência da Religião na PUC-SP. Mais tarde, no doutorado também no mesmo programa, ampliei minha metodologia de pesquisa sobre religiões, incluindo outros aspectos materiais além da alimentação, tais como: vestuário, arquitetura, iconografia, isto é, especializei-me em uma abordagem conhecida como Religião Material e a testei como disciplina durante meu pós-doutorado na mesma instituição. Desse modo, acabei obtendo meu lugar de professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião pela PUC-SP. Essa trajetória foi orientada

em todos os momentos por Frank Usarski, quem mais tarde me inseriu também na pesquisa sobre o Jainismo.

Leonardo: Formei-me em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), no Campus de Franca, em 2013. Pude percorrer uma grande variedade de temas de pesquisa em minha graduação. A partir do mestrado, realizado junto à PUC-SP, com orientação de Frank Usarski, acabei me concentrando nas religiões e tradições espirituais do Oriente, mais especificamente da Índia. Na PUC-SP, tive a oportunidade de desenvolver uma pesquisa sobre a transplantação do Yoga e do Tantra da Índia para o Brasil. Publiquei artigos concernentes à relação entre grandes temas, tais como: yoga, Budismo, filosofia, as práticas do cuidado de si e a espiritualidade na sociedade contemporânea. Na atualidade, durante o curso de doutorado, com o auxílio de Frank e Patrícia, aprofundei-me ainda mais nesse grande campo religioso que é o subcontinente indiano, e tenho me dedicado ao estudo da tradição jaina.

O que os levou a interessar-se pelos estudos em torno do Jainismo?

Frank: Em 2021, fui contatado por representantes da International School for Jain Studies (ISJS) considerando meu papel de fundador e líder do Centro de Estudos de Religiões Alternativas de Origem Oriental (CERAL), grupo de pesquisa certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e vinculado à PUC-SP. Meus interlocutores demonstraram forte interesse em expandir a rede internacional de pesquisadores. Considerei esse contato altamente relevante para o nosso grupo e para a Ciência da Religião no Brasil e, dessa forma, estabelecemos junto à ISJS um cronograma de incorporação gradual do pesquisas sobre o Jainismo no CERAL. Os passos mais importantes nessa primeira fase foram as estadias de Patrícia e de Leonardo na ISJS em Pune, Índia.

Patrícia: Sempre me interessei pelo estudo comparado das religiões, mantendo-me aberta ao conhecimento de quaisquer religiões. Ser orientada por Frank também fez com que me aproximasse das religiões orientais. Tornei-

me membro do CERAL, grupo de pesquisas sobre religiões orientais liderado por Frank e Rafael Shoji. O Jainismo também gerou bastante interesse por ser uma religião relacionada às práticas alimentares, pois elas são centrais para o princípio jainista de não violência.

Leonardo: Certamente, o interesse resulta de uma mistura de ineditismo, relevância e riqueza do objeto. Apesar de bastante antiga, a tradição espiritual dos jainas quase nunca fez parte dos estudos sobre a espiritualidade oriental no Brasil. O acesso que dispomos em torno do tema é recente. Disso resulta também uma parte de sua relevância: o público brasileiro, interessado no estudo sobre religiões, carece de pesquisas e publicações sobre o Jainismo. No mesmo sentido, por ser uma tradição antiga, com formulações próprias muito originais, possuindo uma dinâmica histórica particular, configura-se como um tema fértil e prolífico para o campo de estudo das religiões, do ascetismo e das formas culturais próprias da Índia.

Poderiam discorrer sobre seus respectivos objetos de pesquisa?

Frank: Por enquanto, não estou diretamente envolvido em pesquisas de campo. Em vez disso, retomei e intensifiquei meus estudos bibliográficos sobre o Jainismo enquanto religião mundial. Baseado nestas leituras, ofereci, no segundo semestre de 2022 e no primeiro semestre de 2023, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da PUC– junto à Patrícia –, duas disciplinas em que o tema do Jainismo desempenhou papel central.

Patrícia: Em razão de meu tipo de abordagem, voltado para a materialidade, acabei me concentrando em aspectos sensoriais, práticas corporais e uso de objetos ritualísticos. Apesar de o Jainismo ter como princípio soteriológico a libertação da alma do ciclo das encarnações e, portanto, de toda a matéria, utiliza-se de meios bastante materiais para este fim, sendo uma religião consideravelmente rigorosa em relação às condutas corporais. Por isso, estudo os aspectos sensoriais do Jainismo no sentido de como as práticas religiosas delimitam certa enculturação sensorial, que cria e reforça valores para além da doutrina escrita.

Leonardo: Em minha pesquisa, abordo a relação entre a classe monástica, composta por ascetas renunciantes, e os leigos, que são devotos, mas não cumprem os mesmos votos de renúncia dos monges – e, portanto, levam uma vida mais próxima do comum. A doutrina jaina, principalmente dentro da Índia, é conhecida pelo alto grau de renúncia vivido pelos ascetas, que não podem acumular quaisquer bens e precisam observar uma conduta de não-violência absoluta – o que os leva a preservar a vida mesmo do menor dos insetos. Diante disso, é muito difícil para esses monges viverem sem o auxílio dos leigos, mesmo para o cumprimento das suas necessidades básicas de alimentação, por exemplo. Desse modo, a relação entre monges e leigos produz uma articulação de trocas simbólicas e materiais pelas quais os primeiros oferecem orientação espiritual para os segundos. Estes, por sua vez, dedicam-se ao seu cuidado em busca do acúmulo de bom karma, favorável para as próximas reencarnações, quando encontrariam maiores oportunidades de trilhar o mesmo caminho da renúncia, ao fim do qual esperam encontrar a iluminação¹. Este é, basicamente, o eixo da minha pesquisa de doutorado. Paralelamente, dedico-me ao estudo do *prakṛti*, o idioma em que a maior parte dos textos sagrados da tradição está escrito. É claro que este estudo não resulta de um esforço individualizado, sendo, antes, capitaneado pela própria *International School for Jain Studies*, que me ofereceu todos os subsídios necessários para a empreitada.

Como surgiram essas pesquisas?

Frank: Em termos de interesses, o CERAL é organizado em três linhas de pesquisa. Uma delas é a de “Religiões Orientais Tradicionais” que abrange, entre outras, as religiões autóctones da Índia. A princípio, faltava um impulso para inserir explicitamente o Jainismo em nossa agenda de pesquisa empírica, o que aconteceu quando os representantes do ISJS nos procuraram.

¹ A ideia de uma iluminação, ou *nirvana*, encontra no Jainismo uma significação própria, segundo a qual a alma se liberta da matéria e pode desfrutar plenamente de sua potência, rompendo definitivamente com o ciclo de reencarnações.

Patrícia: Certamente, o CERAL foi o primeiro passo; posteriormente, tive a oportunidade de estudar entre jainistas na Índia. Convivendo por dois meses com eles, pude captar os detalhes e a relevância das práticas no universo jainista.

Leonardo: A pesquisa resulta de meu contato aprofundado com as atividades do CERAL após a conclusão de minha dissertação de mestrado em 2020, e de um interesse mútuo que Frank Usarski e eu alimentamos. A abordagem sociológica que escolhi trilhar estabelece, de certa forma, uma continuidade metodológica e teórica com a pesquisa que desenvolvi no mestrado. Contudo, as perguntas que orientam esta abordagem respondem a uma necessidade já estabelecida pela comunidade internacional de pesquisadores do Jainismo. A filosofia jaina costuma receber maior atenção quando comparada à sua sociologia. Certamente, a filosofia dessa tradição espiritual é riquíssima, bem como seu pacifismo e tolerância são também louváveis. Porém, os desdobramentos socioculturais da relação entre monges e leigos guardam fenômenos bastante particulares e originais, como também são próprios da religiosidade contemporânea e urbana da Índia e do mundo. Além disso, trata-se de uma comunidade que é minoritária em seu próprio país. Na Índia, podemos observar uma comunidade de ascetas cercada por um grupo social abastado, com alta escolaridade e expectativa de vida. Essa comunidade de ascetas, com vínculos históricos muito antigos, contrasta enormemente com as atribuições do mundo moderno, de modo que é impossível não observar com certa curiosidade a decisão dos jovens em trilharem o caminho da renúncia em busca da iluminação.

Quais foram os principais desdobramentos da pesquisa?

Patrícia: Após a experiência na International School for Jain Studies, na Índia, entrei em contato com outras instituições jainas, como a Arihanta Academy, nos Estados Unidos. Minha pesquisa acabou interessando a essa instituição. Desenvolvi um curso que se encontra disponível na plataforma da

instituição – que oferece apenas cursos *online* – intitulado “Discovering Jain Philosophy with all your senses”, onde exploro como o Jainismo modela e compreende a percepção sensorial de seus sujeitos. A pesquisa também desdobrou-se em disciplinas no curso de Ciência da Religião da PUC-SP, conjuntamente com o professor Usarski, assim como outros projetos de continuidade, como uma viagem para experienciar os templos jainas, o que espero realizar em 2024.

Você poderia discorrer sobre os resultados da pesquisa?

Patrícia: Comprovei que, apesar de ser possível o estudo textual do Jainismo, dada a vasta quantidade de textos que a religião possui, a pesquisa de campo é fundamental, especialmente por se tratar de uma religião pouco conhecida no Brasil. A pesquisa também aponta para influências e trocas entre as diferentes tradições religiosas indianas. Associando estudo textual e pesquisa de campo, tive a forte impressão de que conceitos como reencarnação e karma², atribuídos de maneira geral às diversas escolas religiosas da Índia, originaram-se, na verdade, nas chamadas tradições Sramânicas, que compreendem o Jainismo e o Budismo, influenciando assim o Hinduísmo. Por outro lado, outros aspectos devocionais – tais como as práticas dos *pujas* (oferendas) e a adoração a certos deuses, ainda que as tradições Sramânicas sejam não teístas – constituem influências no sentido inverso, isto é, do Hinduísmo para o Jainismo. Outro aspecto interessante diz respeito ao cruzamento de práticas alimentares jainistas e o crescimento do veganismo no mundo. O Jainismo não se encontra nas bases filosóficas do veganismo – ao menos não atualmente e não de modo evidente –, mas este

² A doutrina jaina estabelece uma forma de dualismo segundo a qual a alma, acoplada à matéria, experimenta uma série infinita de reencarnações. Este “aprisionamento” funciona a partir do mecanismo do karma, que permite explicar as situações contemporâneas como resultados cármicos das ações transcorridas em vidas passadas. Por conseguinte, as ações atuais têm por consequência o condicionamento das existências futuras. Ao contrário das tradições budistas e hindus, contudo, o karma possui para os jainas uma natureza material – e para que a alma possa se libertar, ela deve se purificar através da renúncia e do ascetismo.

tem muito a aproveitar da visão jaina sobre como modos alimentares podem promover a não-violência (*ahimsa*). Este parece ser um argumento para a disseminação da filosofia jaina fora da Índia, especialmente no Estados Unidos, onde tantas ideologias alimentares proliferam contra uma indústria hegemônica de alimentos. A citada Arihanta Academy possui diversos cursos seguindo essa linha e costuma, por exemplo, fazer campanhas contra o consumo do tradicional peru assado no Dia de Ação de Graças.

Quais foram as implicações da pesquisa sobre o ensino?

Patrícia: Em primeiro lugar, diria que ampliamos a oferta em torno das religiões orientais estudadas no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da PUC-SP, destacando que trouxemos materiais de pesquisas derivados de fontes primárias. Em segundo lugar, em meu caso particular, pude testar a abordagem da Religião Material em uma religião que se pretende anti-materialista em sua ontologia. De fato, acabei comprovando que religiões sempre dispõem de materialidades – tais como práticas corporais e uso de objetos – a partir das quais é possível estudá-las. Isso oferece questões diferentes, mas complementares ao estudo de doutrinas e outros princípios filosóficos.

Qual é o quadro dos estudos internacionais sobre o Jainismo?

Patrícia: Embora seja uma religião de pouca expressão fora da Índia, a quantidade da produção acadêmica sobre o assunto tem aumentado nos últimos anos. Levantam-se duas possíveis razões: 1) a percepção dos acadêmicos em relação a um movimento diaspórico relevante e 2) os próprios jainas diaspóricos têm tido contato com acadêmicos, incentivando-os a pesquisarem e produzirem literatura sobre o assunto. Em contato com escolas de Jainismo na Índia e nos Estados Unidos, percebe-se que há um movimento no sentido de estudos confessionais, designado a manter e reestruturar os ensinamentos jainas fora do contexto original. Além disso, há

também um movimento em direção a estudos acadêmicos, especialmente no campo da Ciência da Religião.

Leonardo: A diáspora jaina, concentrada principalmente no século XX, estabeleceu suas maiores comunidades de imigrantes na Inglaterra e nos Estados Unidos. Isso quer dizer que os principais centros de pesquisa estão estabelecidos nesses países. É claro que a atenção sobre determinados temas se modificou ao longo do tempo. Nas décadas de 1970 e 1980, havia um interesse etnográfico maior dedicado à vida dos ascetas. Hoje, os temas que geram mais publicações são: filosofia jaina, desdobrada a partir de sua epistemologia, e outros aspectos antropológicos e socioculturais de seus ritos; e relações com elementos maiores da sociedade indiana. Em virtude da dificuldade de coletar dados e produzir estudos quantitativos, sempre houve certa carência estatística, o que dificulta a elaboração de visões panorâmicas. Diante dessa escassez, observamos na última década maiores esforços em direção de abordagens sociológicas que respondam às questões concernentes à motivação dos jovens ascetas, as relações entre leigos e monges e às dinâmicas demográficas dessas populações.

E dos estudos sobre o Jainismo no Brasil?

Frank: Em comparação com outros países em que a Ciência da Religião existe há mais de cem anos, as atividades de ensino e de pesquisa da maioria dos programas de nossa área no Brasil apresentam a tendência de negligenciar boa parte do campo de religiões que estão sendo estudadas em universidades europeias e norte-americanas. Isso é válido, por exemplo, para o Hinduísmo ou o Budismo, mas a lacuna torna-se ainda mais gritante a respeito de tradições indianas como o Sikhismo e o Jainismo, que são notoriamente ignoradas nas ementas de cursos e projetos de pesquisa. O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da PUC-SP é uma das poucas entidades acadêmicas do país que fazem questão de ampliar o espectro de fenômenos, cujo estudo permite uma formação consistente das/dos suas/seus alunas/os. Por isso, há décadas, nosso currículo contém a

disciplina obrigatória intitulada “Introdução à História das Religiões Mundiais”, o que é complementado por atividades que aprofundam o tema por meio de reflexões em torno de tradições como o Jainismo. Em 1999, a primeira disciplina que ofereci na PUC-SP, ainda como professor visitante, tratava de religiões orientais, inclusive o Jainismo. Desde então, houve diversas oportunidades para retomar e aprofundar esses assuntos em sala de aula, como, por exemplo, por meio das duas disciplinas mais recentes mencionadas.

Patrícia: No Brasil, os estudos ainda são bastante iniciais e poucos programas de estudos de religião incluem o Jainismo em sua oferta de estudos de religiões orientais. Até o momento, encontrei apenas três publicações em português, dentre as quais apenas uma é brasileira, tendo sido produzida em Curitiba. Acredito que hoje, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, tenhamos este estudo mais estruturado, uma vez que dispomos de duas pessoas que estiveram na Índia a propósito de tais pesquisas, assim como contamos com o suporte acadêmico da comunidade jaina que nos doou uma biblioteca básica e bastante abrangente sobre o Jainismo.

Leonardo: Há professores de elevado nível acadêmico que abordam a filosofia jaina em cursos dedicados à filosofia oriental, onde o Jainismo integra sessões de estudos comparados, como na Universidade de Brasília. Mesmo assim, estas são iniciativas muito localizadas e descentralizadas – desacompanhadas de um esforço coletivo norteado por algum centro de estudos inteiramente dedicado à questão.

Quais nomes vocês apontariam para o jovem pesquisador como indispensáveis para o estudo do Jainismo?

Frank/Patrícia/Leonardo: Infelizmente, não há pesquisadores brasileiros estabelecidos em torno desse campo. Toda a literatura que herdamos vem do hemisfério norte, e ela ainda aguarda suas primeiras traduções em nosso continente. O pesquisador interessado nesse assunto precisa abordar figuras como Paul Dundas, Jeffery Long, John Cort, William Folkert e Peter Flügel.

Quais seriam fontes primárias privilegiadas para o estudo do Jainismo?

Patrícia: Há divergências entre os sectos jainas sobre quais seriam os textos (*Agamas*) aceitos por cada uma das tradições. Entretanto, o *Tattvarthasutra*³ (século II a.E.C.) é o texto mais comumente aceito pelas duas principais tradições – Svetambaras e Digambaras⁴. Assim, ele é referido como uma espécie de “Bíblia” do Jainismo.

Leonardo: Seriam as escrituras, os *agamas*. Não dispomos no Brasil de acesso a uma comunidade de praticantes, sejam eles monges ou leigos. Mas, através de publicações ou de textos disponíveis gratuitamente na Internet, podemos acessar a tradução para o inglês de algumas de suas principais escrituras sagradas. Algumas delas, como o *Tattvarthasutra* (século II E.C.), versam sobre os principais aspectos que sustentam as crenças jainas, tais como sua cosmologia e a teoria sobre o karma. Por outro lado, o *Dashavaikalik sutra*, cuja datação é posterior, trata das regras monásticas a serem observadas e seguidas rigidamente pelos ascetas. No documento, encontramos instruções que perpassam desde a mendicância por comida até regras corporais de comportamento. De fato, é admirável que tenhamos acesso a tais textos.

Poderia nos contar sobre sua experiência estudando na Índia?

Patrícia: A experiência foi riquíssima. Qualquer pessoa que se interesse pelo estudo de religiões deveria visitar a Índia. O contato com tal ambiente, onde a religião está no ar que se respira, permite-nos perceber não apenas a religiosidade local como inseparável de qualquer outro aspecto, mas o

³ Atribuído a Umasvati, é a escritura jaina mais comumente aceita por todos os ramos de transmissão doutrinária, e na qual se pode encontrar uma sistematização completa da doutrina em todos os seus níveis.

⁴ A tradição jaina se divide em dois grandes ramos de transmissão doutrinária, os Digambara e Svetambara, cuja cisão parece estar localizada no século I E.C. Há inúmeras outras linhagens monásticas internas a estes grupos. Suas principais diferenças não obedecem a formulações filosóficas distintas, mas a certas noções práticas que regulam a atitude monástica e, sobretudo, ao conjunto de textos que reconhecem como próprios do arcabouço sagrado do Jainismo.

contraste também nos leva a uma reflexão sobre nossa própria religiosidade. Estar nos templos, comer como os praticantes, ouvir seus mantras e acompanhar seus *pujas* fez grande diferença na compreensão de textos e valores. Antes desta viagem, eu havia feito um curso *online* sobre Jainismo, basicamente sobre sua doutrina e aspectos sociológicos. Após a visita à Índia, minha representação sobre o Jainismo mudou muito. Há sutilezas que somente a experiência é capaz de permitir captar. É também nesse contexto que se torna clara, na prática, a relação entre jainistas e outras religiões. Apesar de constituírem minoria, detêm o mercado financeiro, são muito prósperos e não os vemos trabalhando para sujeitos de outras religiões, ao passo que o contrário é observável. Sua prosperidade relaciona-se com os próprios princípios do Jainismo, que os limita em termos de ocupações. Um jainista não pode exercer profissões que incluam práticas de violência, restando-lhes, portanto, especialmente atividades de atravessamento comercial. O comércio permite-lhes também ter boas relações com sujeitos de outros credos, de quem compram e para quem vendem, o que se pauta também na ideia de Anekanta, princípio jainista que considera que a realidade pode ser compreendida a partir de múltiplos pontos de vista, inclusive contraditórios.

Leonardo: Professores e diretores da ISJS se mostraram pessoas extremamente dedicadas e confiáveis para atender todas as minhas necessidades e responder a todas as minhas dúvidas. Por isso, em meu caso, se alguém pensa que há alguma “experiência chocante” enquanto mergulhamos na realidade indiana, isso não poderia estar mais longe da verdade. Por mais que a Índia seja portadora de uma miríade de culturas distintas quando comparadas à nossa, a boa disposição dos membros da ISJS e o estado de espírito da cidade de Puna certamente facilitaram um volume fascinante de aprendizado. Tanto o respeito com o qual fui recebido, assim como a curiosidade dos jainas a respeito do meu trabalho e do Brasil em si, facilitaram a comunicação e a colaboração. O itinerário estabelecido pelo curso abrange um repertório bastante interessante de encontros com famílias, monges, visitas a templos e passeios por lugares sagrados de peregrinação. Podemos também ter aulas igualmente densas de professores e especialistas

muito preparados e conectados a um cenário global de produção científica. A presença de alunos internacionais – de países como Estados Unidos, Filipinas e Itália – também colore ainda mais o nosso aprendizado. Trata-se de uma experiência decisiva para aqueles que se dedicam a pesquisar a Índia e as religiões da Ásia, algo que transcende qualquer expectativa acadêmica.

O fato de ser um brasileiro ou uma brasileira estudando o Jainismo, possuindo o olhar do “outro”, ofereceu uma perspectiva diferente sobre o objeto? Um olhar que talvez os próprios indianos não percebessem?

Patrícia: Sim, acredito ter levado uma perspectiva diferente. Talvez não por ser brasileira, mas especialmente por me dedicar ao estudo dos aspectos sensório-materiais do Jainismo. Embora a doutrina jaina ofereça uma epistemologia que considera o conhecimento sensorial (*mati-jñana*), assim como uma classificação ontológica de seres vivos em termos do número de sentidos que possuem – quando se pratica violência contra seres com mais sentidos, seria maior o karma adquirido –, tais aspectos são pouco explorados, em detrimento do estudo de componentes mais filosóficos e abstratos. Quando enquadrei esses aspectos a partir de uma antropologia dos sentidos, percebi que meus interlocutores na Índia se surpreenderam.

Leonardo: Existem diferentes motivos que poderiam me posicionar como um "outro" nessa relação: ser brasileiro, não ser um jaina e até mesmo as próprias abordagens teóricas que carrego comigo acabam por produzir perguntas possivelmente diferentes daquelas com as quais meus interlocutores estão acostumados a responder. De fato, foi isso o que aconteceu, desde perguntas bastante práticas a respeito da vida cotidiana dos monges, que eles não estão tão acostumados a responder, como também problemas de pesquisa que aparecem como inovadores para eles foram acolhidos com bastante interesse pelos representantes do Jainismo com os quais conversei. Trata-se de um campo em que diversas questões aguardam para ser estudadas. Inicialmente, tendemos a estabelecer comparações, o que constitui uma ferramenta típica de compreensão e

assimilação. Mas, às vezes, as conexões que mais nos chamam a atenção escapam diante da estabilidade de outras linhas de raciocínio já tradicionalmente estruturadas. Como os professores e pesquisadores da ISJS estão bastante conectados ao cenário internacional de pesquisa, as nossas contribuições acabam enriquecendo esse prisma temático.

Poderia discorrer sobre o que é o Instituto Anekanta, suas atividades e campos de atuação?

Frank: Por enquanto, o Instituto Anekanta é ainda um projeto. A ideia surgiu a partir de nosso desejo de institucionalizar o estudo de Janismo na PUC-SP como pré-requisito de um apoio material por parte ISJS, que tem financiado, em diversas universidades fora da Índia, cátedras de estudo do Janismo. Um exemplo é a recém-criada cátedra na Universidade de Birmingham (Grã-Bretanha). A criação de uma cátedra é algo política e juridicamente complexo e problemático na PUC, em especial quando verbas externas são envolvidas. A situação é mais fácil quando se trata de um instituto em forma de um novo grupo de pesquisa com vínculos fortes com o CERAL.

Escolhemos o termo técnico "Anekanta" para sinalizar a importância do Jainismo para esta entidade. Anekanta é o nome de uma doutrina "epistemológica-ontológica" do Janismo que insiste no caráter multifacetado de última verdade, bem como nos limites de qualquer religião no sentido de representá-la de maneira completa por meio de seus ensinamentos. De nosso ponto de vista, a premissa é compatível com um dos princípios em que a Ciência da Religião se baseia, isto é, o famoso "agnosticismo metodológico", que obriga o pesquisador a se abster de julgamentos sobre a veracidade das articulações religiosas que estudamos.

A segunda razão para a nomeação do Instituto relaciona-se com nossa pretensão de estender o alcance dessa entidade para além da academia propriamente dita. "Anekanta" implica a parcialidade de qualquer conceito da "verdade divina", ou seja, a relatividade de todas as articulações do gênero. A perspectiva possui fortes implicações práticas para o diálogo inter-

religioso, desde que os participantes deste diálogo se comprometem com as normas de tolerância e de abertura para a maneira do “outro” de expressar suas convicções. Nesse sentido, o nome escolhido, Instituto Anekanta, sinaliza nossa disposição de, partindo de um estudo profundo da filosofia jainista, vinculá-la ao princípio do diálogo interreligioso. A médio prazo, os *insights* oriundos desse estudo filosófico de Anekanta poderiam resultar na criação de um fórum permanente do diálogo interreligioso no âmbito da PUC-SP. Isso seria um benefício para a reputação de nossa universidade, fazendo jus aos objetivos da chamada Ciência da Religião Aplicada que buscamos fortalecer em nosso Programa de Pós-Graduação.

Como pesquisadores de Jainismo, como vocês são acolhidos no cenário acadêmico nacional e internacional?

Patrícia: Senti-me bastante acolhida no cenário acadêmico, tendo inclusive sido convidada, como mencionado, para escrever artigos e ministrar cursos. Os indianos, jainistas em especial, têm grande apreço por acadêmicos que possam ajudar a difundir seus princípios. No Brasil, a novidade dessa religião também me possibilitou convites para aulas inaugurais, podcasts e entrevistas.

Leonardo: Quanto ao cenário nacional, há certo pioneirismo nesse empreendimento. Como não há especialistas em Jainismo no Brasil, os resultados serão aproveitados por pesquisadores que já se dedicam ao estudo do Oriente. Imagino que haverá maior penetração de suas implicações em grandes áreas como Filosofia da Religião e História das Religiões, sobretudo entre aqueles que já pesquisam o Budismo, o Hinduísmo ou investem em estudos comparados. É claro que os alunos respondem com grande interesse à oferta desses temas, principalmente em virtude de seu exotismo ou então para suprir lacunas referentes à nossa compreensão das religiões indianas. No que diz respeito ao cenário internacional, o panorama é bastante singular: os principais nomes e centros de pesquisa dedicados ao Jainismo são conhecidos a ponto de integrarem uma rede comum de pesquisadores que

são muito solícitos e abertos a colaborações. Sua abertura é notável, provavelmente em razão do número de pesquisadores ser diminuto ou em virtude dos temas de pesquisa compartilhados entre eles. A ISJS, por sua vez, como centro articulador dessas pesquisas, realiza um trabalho importantíssimo ao conectar pesquisadores de lugares diferentes do mundo, abrindo riquíssimas possibilidades de intercâmbio. No presente momento, por exemplo, estamos concretizando uma parceria institucional com o Bhagavan Dharmanath Programme for Jain Studies da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, dirigido por Marie-Hélène Gorisse, onde desenvolverei uma etapa de minha pesquisa.

Quais são as condições necessárias para o desenvolvimento de intercâmbios futuros entre pesquisadores brasileiros e indianos?

Patrícia: É necessário incluir cada vez mais o Jainismo como parte integrante no estudo das religiões orientais. Seria também ideal encontrar mais pesquisadores brasileiros que se interessassem pelo estudo da expressão, já que algumas instituições como a ISJS têm se mostrado abertas e bastante receptivas a acadêmicos do mundo todo. Por intermédio da ponte que construímos com os indianos de Pune e dos Estados Unidos, encontramos condições para a emergência de pesquisadores e pesquisadoras que desejem se aprofundar nas religiões indianas influenciadas pelas tradições sramânicas. Os interessados podem entrar em contato conosco por meio do CERAL para que possamos ampliar as pesquisas.

Leonardo: Seria importante o estabelecimento de um núcleo de pesquisas que promova intercâmbios de alunos e pesquisadores entre Brasil e Índia. Com o conhecimento do idioma, temos condições de abrigar um centro de estudos bastante avançado, em contato com aquilo que circula no hemisfério norte. Diante disso, teremos um volume maior de publicações e traduções que propiciem ao público brasileiro, possivelmente interessado, o acesso a informações que lhes faltam para a composição de uma imagem

mais concreta e adequada da tradição jaina, tanto como de sua abertura para o diálogo com outras religiões locais.

Quais são as implicações das pesquisas para o CERAL?

Frank/Patrícia/Leonardo: O CERAL é um núcleo que abriga pesquisadores de alto nível e que, portanto, constitui o círculo mais interno de primeiros ouvintes, a quem comunicamos esses primeiros estudos. A troca de sugestões, críticas, descobertas e *insights* situa as nossas pesquisas sobre a tradição jaina dentro de uma comunidade articulada de pesquisadores debruçados sobre o campo mais amplo das religiões e tradições espirituais do Oriente. Com isso, enriquecemos o repertório do grupo, e estabelecemos novos marcos teóricos e metodológicos para esse campo de pesquisa, atraindo novos pesquisadores para objetos cuja frente está inteiramente aberta. Convidamos as/os suas/seus leitoras/es interessados em assuntos afins a entrarem em contato conosco via e-mail, usarski@pucsp.br.